

IDEOLOGIA NEOLIBERAL CONTRA A INDÚSTRIA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 08.09.1982

A incompetência e superficialidade de alguns líderes empresariais conservadores, que insistem em atribuir todas as dificuldades que a economia brasileira enfrenta ao demônio da estatização, é preocupante na medida em que fortalece políticas econômicas monetaristas ou neoliberais, que levaram ou estão levando economias tão diversas como a argentina e a norte-americana, a inglesa e a chilena a um grave estado de crise. A Argentina e o Chile sofreram um sistemático processo de sucateamento de suas respectivas indústrias, enquanto os Estados Unidos e a Inglaterra estão imersos no desemprego e na recessão, e perdem dia a dia posição relativa no mundo industrializado. O Brasil, que hoje enfrenta também graves dificuldades, está ameaçado pelo mesmo destino na medida em que empresários e economistas assumam posições neoliberais semelhantes.

Sem dúvida houve excessos de estatização na economia brasileira. Por outro lado, os erros do planejamento e da política econômica ajudaram a nos conduzir para a presente crise. Mas isto não significa, em absoluto, que uma política monetarista resolverá nossos problemas. A recessão de 1981, que agora ameaça transformar-se em estagnação, demonstra bem esse fato.

Nesses momentos de grave crise econômica, como a atual, o Estado tende a se paralisar, e a política econômica passa a ser mero fruto das pressões e contrapressões inclusive ideológicas que sofre o Governo por parte dos mais diversos setores. Incapaz de agir, o Governo limita-se aos excessos verbais, como o violento (e constrangedor) ataque do Ministro do Planejamento à proposta alternativa de política econômica apresentada pelo PMDB deixou claro. Diante de uma proposta séria e clara, não restou outra alternativa ao Ministro senão usar expressões pouco elegantes.

É verdade que nesses momentos de crise as pressões que o Governo sofre provêm inclusive de seu próprio seio, e assume às vezes caráter surrealista, tornando difícil para

qualquer um manter a elegância. Em face à proximidade das eleições, muitos políticos do PDS não têm pejo em propor ao Presidente da República que congele os preços das estatais e que aumente os subsídios aos bens de consumo popular “até 15 de novembro”. A um deles não restou outra alternativa ao presidente Figueiredo, como homem honesto que é, senão declarar: “nunca aceitei enganar o povo”.

Por outro lado, economistas ortodoxos propõem o extremo oposto: a eliminação imediata de todos os subsídios, nova recessão econômica, a redução de nossas barreiras alfandegárias para “aumentar a competitividade de nossa indústria”. E um membro do próprio governo pertencente a esse grupo teve o desprazer de propor que o Brasil baseasse sua estratégia econômica na exportação de minérios e produtos agrícolas. É a clássica proposta monetarista de desindustrialização, fruto de uma ideologia neoliberal conservadora, que teve trágicas consequências para a Argentina e para o Chile, e que agora ameaça o Brasil.

Diante dessas propostas estapafúrdias, a maior garantia é a pujança do nosso parque industrial, é a capacidade de um grande número de empresários, é a consciência da grande classe média assalariada que se formou no Brasil, é a participação política crescente (embora ainda muito pequena) dos trabalhadores. Estamos em um estágio de industrialização muito superior ao da Argentina e do Chile, e dificilmente políticas neoliberais do tipo lá implantado vingarão aqui.

Mas essa ameaça torna-se preocupante quando vemos um importante líder empresarial paulista conchamar seus liderados a não permitirem que aconteça no Brasil o que está acontecendo na Argentina. Em seguida esperava-se que o empresário falasse contra a política monetarista e anti-industrial que o Sr. Martinez de Hoz praticou na Argentina desde 1976 e que finalmente levou o país à falência atual. Mas nada disso. A preocupação do empresário era com as últimas medidas tomadas pelo governo autoritário e conservador argentino para salvar a economia capitalista de seu país: tentativas de controle de câmbio e do sistema bancário também em crise. Segundo esse empresário essas medidas representariam “grave ameaça de estatização”.

Manifestações fora do lugar como estas, pura ideologia neoliberal conservadora, que insiste em colocar a culpa de todos os males (inclusive da Argentina?) no “monstro da estatização”, são preocupantes. Porque mostram uma total incapacidade de compreender a natureza e a dinâmica das formações capitalistas contemporâneas por parte dos

amplos setores de nossas elites. Porque ignoram que na Argentina (e no Chile) foi uma política antiestatizante, neoliberal, que levou esse país à crise generalizada e à liquidação de sua indústria. E porque ajudam a manter o Governo brasileiro paralisado, incapaz de enfrentar a crise com medidas efetivas.

O Brasil precisa com urgência de uma política econômica alternativa que nos permita sair da crise. Para a formulação dessa política a participação dos empresários industriais é essencial. Mas em primeiro lugar é preciso que seus líderes saibam, pelo menos, como a política econômica pode atender aos interesses da própria indústria. E depois como essa política econômica pode atender aos interesses de todo o país. Quando sequer a primeira condição é preenchida a situação torna-se preocupante.(08/09)